

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O EVANGELHO NA MACEDÔNICA: A INFLUÊNCIA DO MUNDO HELENÍSTICO PARA A PREPARAÇÃO DA PLENITUDE DO TEMPO ATRAVÉS DA PROFECIA DE DANIEL (CAP. 8-11)

The Gospel in Macedonia: the influence of the helenistic world for the preparation of the fullness of time through Daniel's prophecy (chapter 8-11)

Efstathios Tsotsos¹

RESUMO

Esse estudo analisa os fatos históricos que aconteceram nos períodos, entre o Antigo e o Novo Testamento, que são profetizados, em maior parte, no livro de Daniel. Apesar desse livro das Escrituras ser considerado literatura apocalíptica, mostra o plano divino de Deus, segundo o qual os vários poderes e as autoridades humanas cumprem o seu propósito. O trabalho faz um breve estudo de surgimento do império greco-macedônio, profetizado no livro de Daniel, através do personagem mais destacado da época, Alexandre o grande, e a explosão da cultura grega no Oriente, de onde, com ordem divina, contribuiu para o preparo do cristianismo.

Palavras chaves: Macedônia. Alexandre, o Grande. Apóstolo Paulo. Evangelho.

ABSTRACT

This study analyzes the historical facts that occurred in the period between the Old and New Testaments that are prophesied in the book of Daniel. Although this book of Scripture is considered to be apocalyptic literature, it shows God's plan according to which the various powers and human authorities fulfill His purpose. The paper makes a brief study of the emergence of the Greek-Macedonian empire, prophesied in the book of Daniel, through the most outstanding personage of that time, Alexander the Great. It also

¹ O autor é natural de Tessalônica / Grécia. É Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí / RS) e pós-graduando em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela FABAPAR. E-mail: [stathis tsotsos evastathis_gr@hotmail.com](mailto:stathis_tsotsos@evastathis_gr@hotmail.com)

shows the explosion of Greek culture in the East that contributed to the preparation of Christianity.

Key words: Macedonia. Alexander, the Great. Apostle Paul. Gospel.

INTRODUÇÃO

Com o término da voz profética no Antigo Testamento, cerca de 400 anos, depois do regresso dos judeus da Babilônia e a reconstrução do templo em Jerusalém, começa um longo período de quatro séculos, em que a Bíblia fica em silêncio. A Palestina e todo mundo conhecido, no período dos últimos profetas do Antigo Testamento, estava sob o domínio persa. Mas, na época de nascimento de Jesus, o poder e o domínio universal tinham passado aos romanos, que governavam o mundo com a sua divulgada paz, a chamada *Pax Romana*. Nesse período, chamado “intertestamentário”, foram cumpridos fatos históricos, preditos no livro de Daniel. Deus mostrou ao profeta “um rápido esboço da história da humanidade. Cada nação, a partir do áureo império babilônico, foi um instrumento de coação às demais nações, para que, em determinado tempo, os planos divinos fossem cumpridos”.² A maior parte do período Intertestamentário ocupa-se do império grego, ou a expansão da civilização helenística, que predomina entre os povos e onde floresce o estudo da filosofia, das artes, da ciência, da literatura, tendo como veículo a língua grega. A história aprovou esses atos mencionados no livro de Daniel,³ chamado esse período do domínio greco-macedônio período *Helenístico*.⁴

1. O AMBIENTE CULTURAL HELENÍSTICO

Na sua última entrada em Jerusalém, e pouco antes da sua crucificação, Jesus tinha uma visita de um grupo de gregos ou *helenos*, como eram chamados. Eles subiam a Jerusalém para que adorassem a Deus (Jo 12.20-21). Em Atos, Lucas descreve uma controvérsia entre os discípulos. De um lado, os chamados *helenistas*,⁵ e de outro lado os hebreus, discutiram a respeito das viúvas dos helenistas, as quais ficavam negligenciadas no serviço diário nas mesas

² CLAUDIONOR, 1986, p. 147-148.

³ Alguns teólogos e estudiosos colocam o livro de Daniel, que foi escrito posteriormente, no período que aconteceram os atos mencionados no livro, isto é na revolta dos Macabeus por volta de 167 a.C. Assim rejeitam a mensagem profética do livro e a sua autoria de Daniel. Com isso, duas hipóteses podem ser aceitas; ou o autor escreveu uma mitografia para fortalecer e reforçar os seus leitores da perseguição que foi feita do período de Antíoco Epifânio, ou na verdade as profecias extraordinárias do livro foram ditas de Daniel, no exílio dos judeus na Babilônia, que na realidade era profeta, como o próprio Senhor Jesus disse em Marcos 13.14.

⁴ O primeiro que veio a ser o descobridor do período da expansão mundial grega, é o grande historiador alemão, Johan Gustav Droysen (1808-1884). Ele percebeu o valor e a importância do período helenístico a sua obra histórica (*Geschichte des Hellenismus 1836-1845*). Ele escreve que, sem esta evolução pós-classica da cultura grega, a ascensão de uma religião mundial cristã teria sido impossível (JAEGER, s.d., p. 16).

⁵ O termo “Helenistas” ocorre aqui por oposição a “Hebreus”, mas não significa “Gregos” (termo que é utilizado para os “gentios” no Novo Testamento). Também não se refere aos judeus nascidos ou educados em Jerusalém, que tinham adotado a cultura grega, mas a pessoas que já não falavam o seu aramaico original na sua terra, ainda que o entendessem, mas grego, por eles ou as suas famílias terem vivido no estrangeiro em cidades helenizadas durante muito tempo, tendo regressado depois à sua pátria (JAEGER, s.d., p. 18).

(At 6.1). Tal como o próprio Estêvão, e os outros seis mencionados *diáconos*, todos eles tinham bons nomes gregos, e provinham na sua maior parte de famílias judias que estavam helenizadas, pelo menos há uma geração ou mais.⁶ O primeiro grupo (que queria ver Jesus), era grego de origem, simpatizante ou convertido ao judaísmo, e o segundo grupo, judeus que não falavam o seu aramaico original, mas a língua grega. O comum entre os dois grupos era a fala grega. Mas, além disso, não era só o idioma grego que ligava essas pessoas. O helenismo foi uma forma de vida característica, corporificada numa instituição básica, a cidade-estado, e quem se aclimatasse à vida tal como vivida numa cidade – estado helênica, seria aceito como heleno, não importado qual a sua origem e formação.⁷

Os historiadores chamam o período entre a morte de Alexandre o Grande na Babilônia, e o ano em que os romanos conquistaram o Egito, como o último reino do império grego, *era helenística* (323 a.c – 31 a.C). Esse período caracterizar-se-á essencialmente pelo esforço da adaptação do gênio grego, pelas variações do ideal grego, transplantado nas regiões do Oriente, pelos êxitos e insucessos do elemento grego no contato com civilizações heterogêneas.⁸ “A Grécia Helenística não considerou a morte de Alexandre o “fim de uma era”; considerou-a o início dos tempos “modernos”, e como símbolo de vigorosa juventude mais do que fator de decadência”.⁹ Com esse passo gigante, Alexandre o grande uniu o Ocidente com o Oriente, chegou até a Índia, quase até o sopé do maciço do Himalaia, criando o primeiro sistema administrativo ecumênico, deixando ao seu estado os governantes que ele submeteu.¹⁰ Aconteceu assim uma “junção” da *cultura helenística*, com uma mistura de culturas dos povos da Antiguidade Oriental.¹¹ Nesse caso, sem dúvida, a própria cultura grega não apenas influenciou os povos do Oriente, mas foi também influenciada, principalmente através das novas crenças do Oriente.

Pela primeira vez, pessoas pensadoras, que procuravam a sabedoria, os chamados filósofos pré-socráticos, vivendo em torno do mar Egeu, na Grécia continental e nas cidades litorâneas da Ásia Menor, desenvolveram a ideia de um só Deus. Negaram o politeísmo e a idolatria, e tentaram configurar uma ideia suprema sobre Deus e purificar o conceito divino de todos aqueles elementos que tinham acumulado a mitologia, a superstição e o pensamento primitivo e místico das massas.¹² Com a providência divina, Deus preparou, semeando a Sua Palavra em pessoas que procuravam, buscavam a sabedoria divina, como Paulo disse no

⁶ JAEGER, s.d., p. 18-19.

⁷ TOYNBEE, s.d., p. 19.

⁸ TARAJÓS, s.d., p. 82.

⁹ DURANT, 1946, p. 267.

¹⁰ HAMMOND, 2015, p. 194.

¹¹ VILELA SANTOS, 1982, p. 67.

¹² *Xenófanes-Ξενοφανης ο Κολοφωνιος (570-480 a.C)*, foi o primeiro filósofo que negou a prevaletida religião politeísta da sua época, pois declarou que, “Um Deus entre os deuses e dos homens, supremo, nem semelhante de corpo como os mortais, e nenhuma razão racional que pode percebê-lo. APOSTOLIKH, 2003, p. 16.

Areópago: “Para buscarem a Deus se, porventura tateando¹³ o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós” (At 17.27).

Especialmente nos círculos culturais nas grandes cidades e nas escolas, a filosofia de Platão e Aristóteles chega ao máximo. Depois desses expoentes da filosofia grega, surgem Epicuro e Zeno; o primeiro pregando os prazeres da carne e o segundo advogando o estoicismo, cujo princípio fundamental era exagerar a virtude.¹⁴ Em Alexandria, a filosofia cresceu tanto, que atraiu muitos judeus que moravam na cidade. Um desses, Filo, criado em atmosfera sacerdotal, profundamente dedicado ao seu povo, apesar de fascinado pela filosofia grega, tomou como alvo supremo a tarefa de reconciliar as Escrituras e os costumes dos judeus com as ideias gregas, e acima de tudo com a filosofia do “sacratíssimo” Platão. Filo escrevia tanto em hebraico como em grego. Mas escrevia tão bem em grego que seus admiradores diziam: “Platão escreve como Filo”.¹⁵

2. ALEXANDRE O GRANDE E OS SEUS SUCESSORES

No livro de Daniel o profeta viu “um bode indo do ocidente, que tinha um chifre notável entre os seus olhos” (Dn 8.5). Essa personagem notável que a história designou grande, era Alexandre III de Felipe da Macedônia¹⁶, rei da Grécia. “Alexandre, o Grande foi um fenômeno meteórico tão notável na história que não podemos deixar de perguntar-nos qual seria impacto total no mundo se ele não tivesse morrido repentinamente aos 32 anos de idade”.¹⁷ A respeito de Alexandre, “o bode furioso” (Dn 8.7), e o “rei da Grécia e o chifre grande” (Dn 8.21), foi escrita tanta literatura, que se pode perguntar o que é história e que é lenda, pois sua personagem, não só aos gregos, mas para muitos povos, do Oriente principalmente, foi se tornando mito.

Alexandre nasceu em Pella, sede do reino da Macedônia, em 356 a.C. Os seus pais, Felipe e Olímpíada, queriam fornecê-lo instrução da mais adequada e superior para um príncipe. Alexandre foi disciplinado até seus 14 anos, e cresceu com a melhor educação da sua época. Felipe desejava ardentemente que Alexandre estudasse filosofia, “para que”, dizia ele ao filho, “não pratiques uma porção de coisas de que hoje me arrependo”.¹⁸ E por isso convidou Aristóteles para assumir a responsabilidade de educar o seu filho. O grande filósofo ensinou a Alexandre cosmologia, geografia, botânica, zoologia, poesia e medicina, e por isso na sua

¹³ O termo correspondente em grego é, Ψηλαφησειαν < Ψηλαφαω, sintético do adjetivo Υ-ψηλός=alto, e da palavra Αφή=tacto. Expressão de uma busca de alguém que procura superficialmente. Uma ampliação metafórica do significado ψηλαφαω=apalpar, sentir, tocar. Fazer um esforço para vir a conhecer algo, apesar das dificuldades, sabendo que as chances de sucesso não são muito grandes. LOUW; NIDA, 2013, p. 256, 297.

¹⁴ TOGNINI, 1968, p. 92.

¹⁵ DURANT, 1946, p. 165-166.

¹⁶ A Macedônia histórica e bíblica é a mesma região atual, que pertence à Grécia, e não deve ser confundida com o Estado formado depois da divisão da Iugoslávia, em 1992. Esse Estado é reconhecido na organização de ONU como nome provisório F.Y.R.O.M. O historiador da Antiguidade Heródoto relata que os macedônios eram ligados ao tronco *helênico* pelo ramo dórico, e falavam a mesma língua com eles, tinham os mesmos costumes e adoravam os mesmos deuses. Disponível em: <http://makedonia.e-e.gr>, Dogas, Δογας, Μ. *Θησαυρος Μακεδωνων*. π. 69

¹⁷ BAXTER, 1985, p. 14.

¹⁸ DURANT, 1946, p. 240.

expedição na Ásia, levou junto vários cientistas.¹⁹ Característico do relacionamento e da contribuição de Aristóteles para a formação do pequeno príncipe era a frase que dizia o Alexandre sobre o filósofo, que “no meu pai sou devido o meu viver, mas no meu professor sou devido o bom viver”.²⁰ Como homem de ação, lamentava-se de não ser também um pensador. Plutarco afirma que “amante de toda sorte de leituras e conhecimentos, e seu maior prazer era, depois de um dia de marcha ou combate, passar metade da noite palestrando com sábios e cientistas”.²¹

Depois da morte de Filipe,²² os Macedônios levaram o seu filho e sucessor ao trono, Alexandre, para continuar os seus planos. Alexandre subiu no poder, jovem ainda, com 20 anos de idade, atravessou Helesponto em 334 a.C, o estreito canal que divide a Europa com a Ásia, e desembarcou em Troia, onde celebrou sacrifícios em honra de *Aquiles*, cujos feitos sonhava igualar. Alexandre, como o leopardo de quatro asas (Dn 7.6), “voou” com tanta rapidez de toda a *oikoumene*, que quer dizer o mundo, e entrou em Babilônia e Susã, sem batalha, em 330 a.C, depois de quatro anos da sua saída da Grécia. Chegou até o “coração” do império persa em Persépolis, onde encontrou um imenso tesouro, que tinham acumulado os reis persas.²³ Dario, o último rei persa, pouco antes da última sua batalha com Alexandre, levantou as suas mãos ao céu e orou aos deuses, pedindo para vencer os seus inimigos. Se isso não fosse feito, e o império persa chegasse ao seu fim, não permitissem os deuses, que outro senão Alexandre se sentasse no trono de Ciro.²⁴ Alexandre morreu na Babilônia aos 33 anos, vítima de uma febre tropical. Ário, interpretando a vida de Alexandre, afirmou: “Alexandre era diferente de todos os homens, foi dado ao mundo, por especial desígnio da Providência”.²⁵ No seu breve reinado, Alexandre lançou as bases de uma nova civilização, que durou muitos séculos depois da sua morte. Contribuiu grandemente para o bem da humanidade, e de um modo especial para o advento de Jesus.²⁶

A morte repentina de Alexandre trouxe grande confusão entre os seus oficiais, por isso se resolveu a divisão de seu império no meio dos seus quatro generais: Ptolomeu, Lisímaco, Cassandro e Seleuco. Esses são os “quatro chifres notáveis”, que substituem o “grande chifre”, como profetizado em Daniel 8:21-22.²⁷ A ambição dos generais de Alexandre, e dos seus sátrapas que governavam vários territórios do império, trouxe as “guerras civis” entre eles. Dessa disputa para a sucessão participou também a própria mãe de Alexandre, Olímpíada. Mas Cassandro, em 316 a.C, a matou, e depois de cinco anos exterminou também o pequeno filho de Alexandre, sucessor ao trono de seis anos de idade e a sua mãe Roxana, porque não queria ser simplesmente um general, que deveria entregar o seu poder a uma criança. Assim,

¹⁹ HAMMOND, 2015, p. 20.

²⁰ PLUTARCO, 2004, p. 26.

²¹ DURANT, 1946, p. 242.

²² Felipe foi assassinado em 336 a.C., por um de seus guardas no dia do casamento da sua filha no palácio em *Aiges* (HAMMOND, 2015, p. 53).

²³ ZOUROS, 2004, p. 148.

²⁴ PLUTARCO, 2004, p. 79.

²⁵ TOGNINI, 1968, p. 91.

²⁶ TOGNINI, 1968, p. 91-92.

²⁷ BAXTER, 1985, p. 15-16.

foi apagada a possibilidade de um descendente da linhagem real de Alexandre o Grande reivindicar o trono macedônio.²⁸ Com tudo isso, foi cumprida a explicação de anjo em Daniel: “Mas, no auge, o seu reino será quebrado, e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tão pouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes (Dn 11.4) ”.

Em meio a muitos anos de guerras e batalhas entre os *diadochos* (sucessores) de Alexandre, surgiram dois que foram mais poderosos que outros, cujos reinos duraram até a assunção do poder dos romanos; no Egito, Ptolomeu, o chamado *Soter*, e na Síria Seleuco, o chamado *Nicator*. A nova capital dos Ptolomeus, Alexandria, fundada por Alexandre o Grande a 331 a.C, cresceu rapidamente e atraiu muitos judeus que migraram ao novo centro cultural. Nesse envolvimento dos judeus com os macedônios no Egito, e a liberdade de direitos políticos e econômicos, que desde Alexandre foram considerados iguais aos dos gregos, os hebreus estabeleceram as suas residências e negócios em Alexandria.²⁹

Em Alexandria, pela primeira vez, a tradução da Lei de Moisés para uma versão grega foi necessariamente feita. As comunidades judaicas haviam se entregado a essa nova cultura com entusiasmo.³⁰ Como na época do Exílio Babilônio, quando o hebraico antigo dos livros sagrados foi traduzido para o aramaico do Império Persa, agora os textos sagrados foram traduzidos para o *Koiné* grego. A tradução foi feita de judeus para os judeus, para uma língua como a grega, flexível e rica de palavras, significados e expressões. Assim, o que era dito no passado no santuário, apenas numa língua antiga, e para um único povo, tornou-se de repente acessível e compreensível para pessoas de outras línguas e raças.³¹ Então, era a tradução da LXX – “a setenta ou Septuaginta”, que exerceu influência especial no Cristianismo primitivo e no Novo Testamento, pois até o século IV d. C era a única versão do Antigo Testamento utilizada pela Igreja cristã.³²

A dependência de Judá do império dos Ptolomeus durou mais de cem anos. Após uma batalha vitoriosa sobre Ptolomeu V, nas nascentes do Jordão, em 195 a. C, Antíoco III, cognominado o Grande, tomou posse da Palestina, e Judá mudou de dono mais uma vez.³³ Quando ele morreu, subiu no trono o seu filho Antíoco IV, o chamado *Theos Epifanes* – Deus Manifestado. O seu reinado durou onze anos, de 175 – 164 a.C., e na sua figura foi cumprida a profecia de Daniel (Dn 8.9-12), e reconhecido também como “homem vil” (Dn 11.21,36). Saqueou e profanou o templo de Jerusalém em 168 a.C, proibiu as cerimônias do culto judaico, e as Escrituras Sagradas foram destruídas. Foi esta a primeira grande perseguição religiosa na história!³⁴ O livro de Daniel encontrou eco em todo o terror da época. Por volta de 167 a.C, um dos chasidins³⁵ (provavelmente) decidiu reacender a coragem do povo, com a descrição

²⁸ ZOUROS, 2004, p. 164, 170.

²⁹ DURANT, 1946, p. 313.

³⁰ KELLER, 1974, p. 275.

³¹ KELLER, 1974, p. 277.

³² ROMER, 1991, p. 101-102.

³³ KELLER, 1974, p. 277.

³⁴ KELLER, 1974, p. 279.

³⁵ Os chasidins eram homens notáveis, quando para a sua fé profunda e praticante, tanto para o seu zelo de que sacrificasse a própria sua vida para Deus. Embora que os seus rastros se perdem na história, o seu papel na

dos sofrimentos e profecias de Daniel no reinado de Nabucodonosor.³⁶ Cópias do livro circulavam secretamente entre dos judeus; foi considerado como obra de um profeta que viveu 370 anos antes, e suportou torturas maiores que as infligidas por Antíoco.³⁷ Talvez essas ações escritas no livro de Daniel inspiraram o movimento macabeano, que começou com a revolta do sacerdote Matatias com os seus cinco filhos.

Das consequências de muitos anos de guerras civis, combates e conflitos internos entre os sucessores de Alexandre, no oeste e na península da Itália apareceu um novo poder, Roma. Este se aproveitou dos combates dos macedônios entre si, das revoluções das cidades gregas, e usando os pedidos das várias ligas das confederações para intervir aos conflitos internos, dominou por logo tempo sobre todos os reinos que procederam da divisão do império de Alexandre. Roma ligou-se a outras cidades-estado por alianças políticas e militares que lhe davam a liderança e fundou as chamadas “colônias latinas” – autônomas, mas não soberanas.³⁸ Apenas uma pequena parte dos territórios anexados a Roma era habitada por colonizadores romanos. A tendência geral na comunidade romana, do século IV a.C ao século III d.C, era a de conceder cidadania romana a um número cada vez maior de aliados e vassalos de Roma, e a transferir os cidadãos da categoria inferior para a superior.³⁹ Os romanos, nos anos de Augusto, dividiram a província de Macedônia em quatro distritos administrativos. No primeiro distrito, a capital era Anfípolis; no segundo, a Tessalônica; no terceiro, Pela; e no quarto, a Pelagônia.

3. APÓSTOLO PAULO NA MACEDÔNIA

Deus não escolheu qualquer tempo, por acaso, para “entrar” na história humana, mas, “Quando vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei...” (Gl 4.4). “Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2.11). Essa intervenção de Deus na história humana é uma revelação, e, como escreve Cothenet, é um apocalipse que “situa-nos na corrente dos apocalípticos que, a partir do livro de Daniel, esforçam-se para decifrar o futuro por meio de visões; mas aqui o apocalipse não se abre ao futuro, mas à própria pessoa do Filho”.⁴⁰

O evangelho das Boas Novas precisava estar anunciado em toda da terra. O mundo, na nova era cristã, estava preparado para ouvir a mensagem redentora de Jesus. Enquanto que os profetas proclamam o regresso dos deportados judeus e dos gentios em Jerusalém, localizando o Templo onde “nasce” a luz (Is 60.1), e o Evangelho de Lucas destaca a caminhada e subida de Jesus para a cidade de Davi (Lc 9.52, 19.27), os Atos descrevem uma movimentação inversa, centrífuga, de Jerusalém para as nações.⁴¹ Não espera a “mãe” Igreja

revolução dos Macabeus era muito relevante. Disponível em: http://ecclesia.gr/greek/HolySynod/committees/liturgical/Zaras_tafika_ethima.pdf p.3

³⁶ DURANT, 1946, p. 327.

³⁷ DURANT, 1946, p. 327.

³⁸ TOYNBEE, s.d., p. 148.

³⁹ TOYNBEE, s.d., p. 151.

⁴⁰ COTHENET, 2001, p. 40.

⁴¹ DESPOTIS, 2011, p. 15.

da Sião dos outros virem e “caírem nos seus pés”, mas é aquela que se estende pela primeira vez na história, para um mundo universal (na monarquia de Augusto).⁴² O evangelho era destinado a todos os povos. O mundo era maior que a Palestina. Toda a Grécia e toda a Roma, que dominava o mundo antigo, estavam nos planos de Deus, mundo de cultura e de poder, de orgias e de intenso viver, de variada e complexa população.⁴³

Para essa obra de anúncio da Sabedoria Divina, entre os “sábios” cósmicos, Deus não escolheu um dos doze discípulos para anunciar “as boas novas” do Reino de Deus. Todos os discípulos de Jesus viviam nas pequenas zonas rurais da Galileia, longe das cidades cosmopolitas com as trocas de ideias filosóficas, e dos portos com o grande movimento comercial. Jesus Cristo escolheu Paulo, “da linhagem de Israel, de tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus, circuncidado no oitavo dia, quanto à Lei fariseu” (Fp 3.5). Natural de Tarso,⁴⁴ cidade não insignificante da Cilícia (At 21.39), e cidadão romano de nascimento (At 22.28).

Como centro missionário, da grande cidade *Cosmopolita da Síria*, Antioquia, Paulo e os seus colaboradores saíram. O ponto inicial foi o solo da Judeia, para cumprir a promessa de Jesus. Na primeira viagem missionária à ilha de Chipre, terra natal de Barnabé, e às cidades próximas da Pisídia e da Licaônia, Paulo estava na “sombra” de Barnabé. Paulo era o mensageiro da palavra, mas Barnabé era o líder, o respeitável, como os moradores em Listra os consideraram e os chamavam. Barnabé, como *Júpiter* (Zeus, em grego), o líder dos deuses pagãos, e Paulo, como *Mercúrio* (Hermes), porque ele interpretava e fazia a hermenêutica da palavra (At 14.12).

A segunda viagem missionária de Paulo começa com a desavença e a separação do seu irmão Barnabé, o discípulo que, mais que os outros discípulos, o apoiou e o consolou nos seus primeiros passos na comunidade cristã. Todavia, essa excitação entre os dois, não só desorganizou a obra do testemunho da Palavra, mas também foi feito para o bem, pois provocou a emancipação de Paulo e contribuiu para a evangelização do ocidente.⁴⁵ Tanto o sentimento da excitação, mesmo com motivo mínimo, quanto o sentimento do medo que ele vai sentir mais adiante em Corinto (1Co 2.3), demonstram o lado humano de Paulo. Desta forma, Lucas apresenta que o “herói” exclusivo da segunda parte de Atos, Paulo, não é nem “super-homem divino”, nem é identificado com aquele sábio apático, impassível dos filósofos estoicos, mas é absolutamente “ser humano”.⁴⁶

A culminância da segunda viagem de Paulo, sem dúvida, é a chegada às margens do mar Egeu, no Mediterrâneo. Depois de longa peregrinação no interior da Ásia Menor, atravessando as planícies aluvianas da Galácia central, rodeadas por cadeias de montanhas

⁴² DESPOTIS, 2011, p. 15.

⁴³ BARBOSA, 2006, p. 26.

⁴⁴ Tarso, segundo *Estrabão, o geógrafo*, que a visitou, no primeiro século tinha um crescimento imenso para a filosofia, e para a educação e os estudos clássicos, que os moradores da cidade ultrapassaram sobre isso, as cidades notáveis, Atenas e Alexandria e escolas filosóficas em outras cidades (PAPARIGOPOULOS, 2003, p. 40-41).

⁴⁵ DESPOTIS, 2011, p. 17.

⁴⁶ DESPOTIS, 2011, p. 17-18.

que atingem dois mil metros, e atravessado a Frígia, chegou ao litoral, à cidade portuária Trôade. “E tendo contornado Mísia, desceram a Trôade (At 16.8)”. Para esta cidade portuária, com posição geoestratégica muito importante, os dirigiu o Espírito Santo. Nesse local chegara um dia, em 334 a.C., um jovem de 22 anos, cheio de sonhos e glória – Alexandre o Grande. Chegado nessa costa lendária, Alexandre, com a sua armadura completa, era o primeiro dos macedônios que cravou a sua lança na terra, e desembarcou com a declaração: “Aceito de deuses a Ásia que ninguém a conquistou”. Ofereceu sacrifícios aos deuses, com a súplica de que os povos da Ásia o aceitem voluntariamente como seu rei.⁴⁷ Levava ao Oriente os tesouros do Ocidente; a língua da Grécia, as artes a ciência e a filosofia de Atenas. Agora, iria o Oriente levar ao Ocidente a maior das joias: o Evangelho da verdade e da vida.⁴⁸ Paulo, quase 380 anos depois, no mesmo lugar estava disposto a “invadir” a Macedônia, apenas cingido com a “Armadura” de Deus; lançar e cravar a “Espada” do Espírito aos corações dos macedônios, para que aceitassem Jesus Cristo como Rei dos reis.⁴⁹

Deus, nesse trajeto “silencioso”, a respeito das atividades de Paulo e dos seus colaboradores, em que por duas vezes foram impedidos pelo Espírito Santo de pregar a Palavra no interior da Ásia Menor, falou em Paulo através de uma visão: “Um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos” (At 16.9). Ronhen explica essa frase, com o “angustioso brado de socorro que o intelectualismo europeu dirige ao misticismo asiático; a ciência estende as mãos à fé, para que a aurora do Evangelho ilumine os caliginosos abismos da filosofia”.⁵⁰ Barbosa, citando o pensamento de John Gill, escreve que, essa “ajuda”, que roga o Macedônio, significa “mediante a oração e a pregação da Palavra, para derrubar o reino de Satanás, destruir a superstição e a idolatria, iluminando os olhos dos homens fazendo-os voltar das trevas para a luz, e salvando-os da completa ruína e destruição”.⁵¹

O nobre macedônio⁵² estava em pé, *παρακαλων* – *solicitado*⁵³ aos servos de Deus para que passassem para a Macedônia a fim de “ajudá-los”.⁵⁴ O macedônio não explica sua solicitação sobre que tipo de ajuda é pedida. Mas, pela primeira vez no livro de Atos, uma visão ou sonho segue a sua interpretação, e a reação todo do grupo de Paulo foi imediata.⁵⁵ Todos perceberam que deveria passar para a Macedônia “... concluindo que Deus nos havia

⁴⁷ HAMMOND, 2015, p. 116.

⁴⁸ ROHDEN, s.d., p. 100.

⁴⁹ ROHDEN, s.d., p. 101.

⁵⁰ ROHDEN, s.d., p. 100.

⁵¹ BARBOSA, 2006, p. 197.

⁵² Despotis identifica o Macedônio na visão de Paulo, como o anjo de definido povo (Dt 32 8, segundo a LXX, Dn 10.21, 12.1). DESPOTIS, 2011, p. 43.

⁵³ Enquanto que o particípio *παρακαλειν* em Atos tem o sentido da consolação através de evangelismo (At 15. 31-32; Barnabé = filho de exortação At. 4.36), em dois apenas casos significa o caloroso convite/solicitação, por causa do motivo urgentíssimo. Um desses casos é o convite do Macedônio, e o outro no caso da morte de Tabita de Jope, onde dois homens *Παρακαλουντες* – *solicitam com súplica calorosa*, Pedro seguir eles na casa de Tabita (DESPOTIS, 2011, p. 44-45).

⁵⁴ O termo *βοηθησον ημιν* – ajuda-nos, vem do verbo *βοηθώ* (βοή - clamor+θωος < θεω=τρέχω – correr, sintético da frase, corre ou apressa no meu clamor para me ajudar (DESPOTIS, 2011, p. 45).

⁵⁵ DESPOTIS, 2011, p. 47

chamado para lhes anunciar o evangelho” (At 10.10). Paulo e os seus companheiros desembarcaram-se na província da Macedônia no porto de Neápolis, mais ou menos no início do outono de 49 d.C.⁵⁶ De Neápolis seguia a famosa estrada *Via Egnácia*,⁵⁷ a qual atravessava toda a Macedônia, passando nas principais cidades da província: Filipos (colônia romana e uma *miniatura* da Roma), Anfípolis (capital do primeiro distrito da Macedônia), Tessalônica (cidade portuária, metrópole e sede do procônsul romano da província), e Bereia (centro intelectual, artístico e sede do *Koinon dos Macedônios*).⁵⁸ A Tsalampouni demonstrou, através de descobertas arqueológicas na região da Macedônia, que os macedônios na época da visita de Paulo no seu solo, são reconhecidos pela sua grande fé e intensidade de busca religiosa, a qual é expressa através de quantidade de formas de adoração, nas cidades macedônicas.⁵⁹

A passagem de Paulo na Macedônia foi curta, por causa das perseguições dos judeus, e assim partiu para o sul da Grécia, na província de Acaia. Dos poucos meses, cerca de dois ou três em que esteve lá, Paulo deixou a sua marca, e o evangelho de salvação cresceu tanto que o próprio Paulo escreveu para aos Tessalonicenses: “Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor, não só na Macedônia e Acaia, mas por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma” (1Ts 1.8). A posição geográfica da Macedônia, no cruzamento de Ocidente para o Oriente e do sul para o norte, deu a oportunidade às pequenas comunidades, nascidas no berço do Cristianismo, de desenvolver e levar o evangelho de Jesus em cada parte do Império Romano, e chegar até os confins da terra.⁶⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período intertestamentário está ligado aos dois testamentos, sendo o “elo” que vincula o tempo profético, o tempo da preparação, para a chegada do Messias e o cumprimento das profecias. Grande parte desse longo período de 400 anos compreende a

⁵⁶ Paulo chegou à Macedônia outono de 49 d.C. A sua ação evangelística em Filipos e Tessalônica durou cerca de dois meses, passou poucos dias em Bereia, em seguinte permaneceu poucos dias em Atenas e chegou à cidade de Corinto no início de 50 d.C. A datação é dada segundo a expulsão dos judeus de Roma, no nono ano do imperial de Cláudio (DESPOTIS, 2011, p. 14).

⁵⁷ A “Via Egnacia”, *Egnatia Hodós*, foi construída entre os anos 146 a.C até 118 a.C, inicialmente, para as necessidades militares dos romanos. Mas em paralelo foi usada para o tráfico comercial e das passagens dos viajantes, do Ocidente para o Oriente, quando ajudou a penetração pacífica de ideias e convicções. A Via Egnacia era a estrada contínua da “Via Appia”, que começava em Roma e chegava até pouco fora de “Bizâncio”, mais tarde a nova capital do Império Romano, Constantinopla. O seu comprimento era cerca de 800 quilômetros. A tradução é do autor. Disponível em: [http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατια Οδός](http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατια%20Οδός),

⁵⁸ Os anos dos imperadores romanos, a Bereia tornou-se a sede do chamado *Κοινόν των Μακεδόνων* (comum ou conjunto dos Macedônios), qual era competente para a adoração do imperador, executado jogos desportivos e musicais. Cada ano estavam reunidos na cidade, representantes das outras cidades da Macedônia para participar nesse evento que estabeleceu o imperador. A tradução é do autor. (TSALABOUNI, 2002, p. 44-45).

⁵⁹ TSALABOUNI, 2002, p. 260.

⁶⁰ Em relação dos confins da terra, não são identificados com a Roma, mas com a Espanha, e mesmo com a Gadeira, no oeste do ponto estreito de Gibraltar, segundo o geógrafo Estrabão (3 1.8). (DESPOTIS, 2011, p. 16).

chamada “Era Helenística”, quando muitos seus acontecimentos foram preditos de profeta Daniel. A expansão dessa cultura contribuiu de maneira fundamental para que a mensagem do Evangelho fosse pregada no fim do primeiro século, das fronteiras da Índia, no leste, até a Espanha, no oeste. Neste primeiro passo do berço do cristianismo, o número dos convertidos à nova fé é desconhecido. O que é um fato é que, no início do século 4º d.C., o imperador romano Constantino tomou a decisão de proteger os cristãos. Até ali, o crescimento deles, ao menos no Oriente, era muito grande em contraste com seus adversários. A Palavra de Deus foi anunciada através dos apóstolos em primeiro lugar na Palestina, e, através dos helenistas judeus, na Síria. Paulo encantou o mundo helênico, não com as armas intelectuais e a arte da fala, mas falando do poder da cruz de Jesus Cristo, o “Cristo crucificado”; “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação” (1Co 1.21). O Evangelho chegou à Macedônia e à Grécia continental, com as mesmas ferramentas e no mesmo caminho com que a civilização helenística foi expandida no Oriente, através de Alexandre o Grande, o qual levou a língua e a cultura que sustentou na expansão da Palavra de Deus.

REFERÊNCIAS

- APOSTOLIKH, ΑΠΟΣΤΟΛΙΚΗ ΔΙΑΚΟΝΙΑ. **Νεοπαγανισμός**: Η Απειλή απο το Παρελθον. Αθηνα: Αποστολική Διακονία, 2003. 46 p.
- BARBOSA, Celso Aloísio Santos. **Paulo**: o homem de Tarso. Rio de Janeiro: JUERP, 2006. 303 p.
- BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Período Interbíblico e os Evangelhos. Tradução de Neyd. Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1985. 336 p.
- BÍBLIA VIDA NOVA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 1976. 367 p.
- CLAUDIONOR, Corrêa de Andrade. **Paulo em Atenas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. 159 p.
- COTHENET, Edouard. **Paulo**: apóstolo e escritor. Tradução de Mariana N. Ribeiro Echalar. São Paulo: Paulinas, 2001. 182 p.
- DESPOTIS, ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σ. **Σωτηριος**: Η Ιεραποστολική Περιοδεία του Παυλου στον Ελλαδικό Χωρο. Αθηνα: Ουρανός, 2011. 367 p.
- DURANT, Will. **História da Civilização**: nova herança clássica – a vida na Grécia. Tomo 2. Tradução de Gulnara de Moraes Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 436 p.
- DURANT, Will. **História da Civilização**: Cesar e Cristo. Tomo 2º. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. 387 p.
- HAMMOND, N. Gerard. **Μεγας Αλεξανδρος. Ενας Ιδιοφυης**. The Genius of Alexander Great. Μεταφραση. Πανος Θεοδωριδης. Θεσσαλονικη: Μαλλιαρης Παιδεια, 2015. 383 p.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paidéia Grega**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70. 127 p.

KELLER, Werner. **E a Bíblia tinha razão**. Tradução de João Távora. São Paulo: Melhoramentos, 1974. 383 p.

LOUW, P. Johanes; NIDA, A. Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento**. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 786 p.

PAPARIGOPOYLOS, Konstantinos. **Τα Διδακτικώτερα Πορίσματα της Ιστορίας του Ελληνικού Έθνους**. Τομ. Α. Αθηνά: Ερμείας, 2003. 363 p.

PLUTARCO. **Alexandre o Grande**. Tradução de Hélio Veiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 164 p.

ROHDEN, Huberto. **Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho**. São Paulo: Unlao Cultural. 270 p.

ROMER, John. **Testamento: os textos sagrados através da história**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Melhoramentos, 1991. 295 p.

TARAJÓS, Vicente. **História Geral**. São Paulo: LISA, s.d. 306 p.

TOGNINI, Enéas. **O período interbíblico**. São Paulo: Palavra da Cruz. 1968.

TOYNBEE, J. Arnold. **Helenismo: história de uma civilização**. Tradução de Walternsir Dutra. Rio de Janeiro: s.d.

TSALABOUNI, Aikaterini. **Η Μακεδονία την Εποχή της Καινής Διαθήκης**. Θεσσαλονίκη: Πουρναρά, 2002. 303 p.

VILELA SANTOS, Januária Maria. **História Antiga e Medieval**. São Paulo: Ática, 1982. 176 p.

ZOYPOΣ, Παναγιώτης. **Η Αρχαία Ελληνική Ιστορία**. Θεσσαλονίκη: Ζουρός, 2004. 296 π.

Disponível em: <http://www.makedonia.e-e-e.gr/assets/thisavros_makedonon.pdf>, Dogas, Δογας Μηνάς. Acesso em 15 de Abril de 2015.

Disponível em: <<http://www.history-pages.blogspot.co.br/label/Εγνατία%20οδος>>. Acesso em 29 de Julho de 2015.

Disponível em: <http://www.ecclesia.gr/greek/HolySynod/committees/liturgical/Zaras_tafika_ethima.pdf>. Acesso em 17 de Maio de 2016.